



Representações iconográficas de sujeito histórico: o que (não) vemos nas imagens de história

Teresa Alvarez – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

Introdução

O presente texto tem como objectivo equacionar algumas propostas destinadas à disciplina de História, visando, por um lado, a integração da dimensão de género na concepção e elaboração de produtos educativos (em diferentes suportes) e, por outro lado, a aplicação do critério *Representação equilibrada do sexo feminino e masculino*¹ definido pelo SACAUSEF para a análise de produtos multimédia.

A reflexão e a análise que se apresentam circunscrevem-se à representação iconográfica e alicerçam-se na revisão da literatura sobre o estudo de materiais pedagógicos (de manuais escolares e mais pontualmente de *software* educativo) na perspectiva de género.

O enfoque que se privilegiou foi o da representação de sujeito histórico e, nesta, a de uma concepção de protagonismo histórico representativa de homens e de mulheres, em consonância com as linhas de orientação historiográfica actuais.

1. Representações de sujeito histórico nos materiais educativos: alguns pressupostos

1.1. O Senso Comum e as Representações Sociais de Género

Dos estudos realizados nos últimos vinte anos sobre as representações sociais de género, recordemos algumas das conclusões que lhes são comuns:

- 1 A dicotomia que configura o feminino e o masculino: o primeiro centrado na dimensão da expressividade associada à afectividade, à orientação para os outros e à dependência; o segundo centrado na dimensão da instrumentalidade e da agentividade associadas à racionalidade, ao domínio das situações e ao domínio sobre os outros, à independência. A passividade, a submissão, a atenção ao outro e a instabilidade emocional emergem como atributos intrinsecamente femininos, enquanto o dinamismo, a assertividade, a auto-afirmação e a estabilidade emocional se afirmam como atributos eminentemente masculinos.
- 2 A desigual associação da natureza aos modos de ser mulher e de ser homem, a qual decorre da ligação da primeira à função “natural” da maternidade e da ausência de qualquer ligação do segundo a uma função “natural” específica. Esta desigualdade de sentido estrutura o pensamento social sobre a feminilidade e a masculinidade no que diz respeito, quer ao conteúdo dos modos de ser pessoa, mulher ou homem, quer à sua conotação valorativa.

¹ Cf. Grelha de Avaliação e Guião de Avaliação do SACAUSEF, domínio Valores e Atitudes.

- 3 A assimetria simbólica subjacente aos conteúdos atribuídos pelo senso comum a cada um dos dois sexos em virtude de estes serem usualmente entendidos como “valorativamente desiguais”². Os traços identificados com o masculino apresentam-se como positivos quando associados aos conceitos de pessoa, enquanto os traços femininos são considerados como positivos apenas para o conceito de mulher. A assimetria simbólica entre masculino e feminino emerge pois da desejabilidade social dos primeiros aos quais é conferido o valor de *norma* (e portanto de universal *neutro*) e da rejeição social dos segundos, aos quais é conferido o valor da alteridade, do particular.
- 4 O consenso, do ponto de vista cultural e social, sobre esta assimetria descritiva e valorativa da masculinidade e da feminidade, dos conceitos de homem e de mulher e o facto de estes serem amplamente partilhados pelos dois sexos.³

A partir do estudo realizado por Lúcia Amâncio⁴ sobre os traços consensualmente atribuídos por homens e por mulheres a cada um dos sexos, retirámos aqueles que têm uma maior relação com a representação iconográfica do protagonismo histórico.

Quadro 1 – Estereótipos de Género

Traços Femininos	Traços Masculinos
Afectuosa	Ambicioso
Bonita	Audacioso
Carinhosa	Autoritário
Dependente	Aventureiro
Elegante	Corajoso
Emotiva	Dominador
Frágil	Empreendedor
Maternal	Forte
Romântica	Independente
Sensível	Paternalista
Sentimental	Superior
Submissa	Viril

Fonte: AMÂNCIO, Lúcia, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Lisboa, Ed. Afrontamento, 1994, p. 63.

As concepções de género têm um efeito estruturante sobre o modo como vemos a realidade e nos vemos a nós e ao *outro*, condicionando expectativas e modos de relacionamento interpessoal e social, pelo que estão presentes nas práticas educativas. O estudo realizado por Teresa Pinto e Fernanda Henriques⁵ sobre as concepções que docentes dos ensinos básico e secundário têm de *bom aluno* e de *boa aluna* é bem exemplificativo das contradições entre o que acreditamos que pensamos e o que de facto é a nossa forma de pensar o outro. Os resultados apontam para uma diferenciação, em função do sexo e de acordo com as representações de género partilhadas por docentes, mulheres e homens, quanto ao que se considera ser o perfil cognitivo, afectivo e social, de rapazes e de raparigas com elevado sucesso escolar. Os primeiros surgem associados a criatividade, curiosidade, espírito crítico, argumentação e problematização, enquanto às segundas se atribui persistência, maturidade, método, aplicação no trabalho e ao cumprimento das regras.

² AMÂNCIO, Lúcia, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Lisboa, Ed. Afrontamento, 1994, p. 27.

³ *Ibidem*, p. 50.

⁴ Cf. AMÂNCIO, Lúcia, *Masculino... op. cit.*

⁵ Cf. HENRIQUES, Fernanda, PINTO, Teresa, “Em busca de uma pedagogia da igualdade: o peso da variável sexo na representação de bom aluno”, in ALARIOA TRIGUEROS, Teresa et al. (coord.), *Hacia una pedagogia de la igualdad*, Salamanca, Amarú Ediciones, 1998.

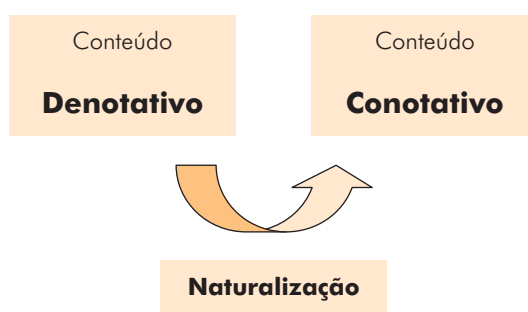
1.2. A Representação Iconográfica

Os produtos educativos, enquanto instrumentos comunicacionais por excelência, estruturam-se, preferencialmente, a partir de dois códigos – o linguístico e o iconográfico.

Se nos centrarmos neste último, recordemos que a imagem não é neutra, processando-se a sua concepção/produção e a sua leitura/apreensão segundo um sistema conceptual e simbólico⁶, formado por um repertório de concepções do mundo, de valores e de crenças que configuram a memória individual e a memória colectiva e que condicionam e orientam a percepção, a interpretação e a atribuição de sentido à imagem. A relação entre uma imagem (representação iconográfica) e aquilo a que ela se reporta (o referente – o que identificamos como sendo representado) é a da semelhança. A imagem *parece-se com algo*, real ou imaginário, ao evidenciar alguns atributos que se *re-conhecem* como propriedade do seu referente.⁷ Esses atributos, percebidos, deduzidos ou imaginados, fazem parte de imagens mentais, convencionais e socialmente partilhadas⁸.

Importa, ainda, lembrar que a leitura de uma representação iconográfica se processa alicerçada numa estreita relação entre a sua mensagem denotativa e a sua mensagem conotativa: a primeira configura-se a partir dos elementos gráficos que compõem a imagem e situa-se ao nível da sua descrição literal, ou seja, do *re-conhecimento* da “letra da imagem”⁹; a segunda diz respeito às associações que se estabelecem a partir desses mesmos elementos e traduz-se nos significados que são-lhe conferidos, no quadro de uma memória, conceptual e simbólica, que orienta a atribuição de sentido à imagem¹⁰.

É precisamente ao nível da mensagem denotativa da imagem, o da familiarização com o seu conteúdo explícito, dito e nomeado na sua descrição, que se processa a “naturalização” do seu conteúdo denotativo, o dos significados que lhe são atribuídos, do *não dito*, do inconsciente e que se afigura como implícito¹¹.



⁶ Cf. GOMBRICH, Ernest, *Arte e Ilusão*, S. Paulo, Ed. Martins, 1995; Cf. BARDIN, Laurence, “Le texte et l’image”, *Communications et langages*, n.º 26, 1975, pp. 98-112.

⁷ Cf. ECO, Umberto, “Sémiologie des messages visuels”, *Communications*, n.º 15, pp. 11-46.

⁸ Cf. ECO, Umberto, “Sémiologie...”, *op. cit.*

⁹ BARTHES, Roland, “Rhétorique de l’image” in *Communications et langages*, n.º 4, 1964, p. 42.

¹⁰ Cf. BARDIN, Laurence, “Le texte et l’image”, *Communications et langages*, n.º 26, 1975, pp. 98-112.

¹¹ Cf. BARTHES, Roland, *Aventura Semiológica*, Lisboa, Edições 70, 1987.

Vejamos um exemplo:

Conteúdo explícito:		Conteúdo implícito:
Homem		Palavra
Militar		Força
Num estrado		Indivíduo
Discursa e Gesticula		Liderança
De corpo direito		Massas
Enquadrado por um colectivo que o olha (parecendo escutá-lo)		Poder
	Hitler dirigindo-se à multidão	Masculino

1.3. O Protagonismo Histórico

Quais os problemas que se colocam à representação iconográfica de *sujeito histórico* nos produtos científico-pedagógicos de História, tais como manuais escolares (livro) ou *software* (multimédia)?

O conceito predominante de *sujeito histórico* veiculado por estes materiais continua a ser de cariz androcêntrico, pois a representação de *sujeito social*, assumido pela ciência histórica desde a Escola dos Annales, ainda não integra, de forma plena e sistemática, o *sujeito* mulheres, nas suas dimensões individual e colectiva. O(s) discurso(s) destes produtos ainda não incorpora(m) a concepção relacional da História cujo objecto, enquanto ciência, e cujo sujeito, enquanto realidade, são homens e mulheres¹². Verifica-se que este tipo de produtos está longe de integrar os dados da produção historiográfica dos últimos anos, realizada no quadro, quer da História das Mulheres, quer da História do Género¹³.

A transmissão e a construção do conhecimento histórico continuam a privilegiar determinadas áreas e, nestas, certo tipo de fenómenos que estão, por excelência, ligados aos acontecimentos cuja actuação mais visível é protagonizada pelo sexo masculino: as esferas política – do governo, da dinastia, da lei e da diplomacia – e militar – da guerra, do armamento e da estratégia – seguidas da esfera da economia – com destaque para a sua relação com as finanças e a tecnologia. Neste quadro, o protagonismo que se evidencia é o dos homens enquanto indivíduos e enquanto portadores de capacidades e competências inerentes ao exercício do poder e, conseqüentemente, da tomada de decisão.

É certo que nos últimos anos se assistiu à recuperação da narrativa e, nesta, da biografia, no ensino e na aprendizagem da História, em virtude da relação de proximidade, com o concreto, que ela propor-

¹² Cf. SCOTT, Joan Wallach, "Género: uma categoria útil de análise histórica", *Educação e Realidade*, vol. 15, n.º 2, 1990, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, pp. 5-22; VAQUINHAS, Irene, "Breves palavras a propósito da invisibilidade das mulheres nos Programas de História dos ensinos básico e secundário", in *"Senhoras e Mulheres" na Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Colibri, 2000, pp. 185-196.

¹³ São já significativas as editoras que têm publicado com uma frequência crescente obras do domínio da História do Género e da História das Mulheres, incluindo a tradução para português de algumas obras que constituem referências a nível internacional.

ciona a crianças e a jovens. Mas também é certo que esta recuperação se processou no momento em que o retorno ao acontecimento e a reabilitação da História política e da História individual emergem no quadro de uma História conceptual e das perspectivas da nova História Cultural. A noção de protagonismo histórico de cariz político viu reequacionado o papel das grandes personalidades e reforçadas as dimensões colectiva e plural do sujeito histórico. Como refere Antoine Prost, “quand ils sont pluriels, les acteurs de l’histoire ont une responsabilité plus limitée dans le déroulement des événements: parfois celle du lampiste”¹⁴.

É neste âmbito que se impõe a necessidade de a História, incluindo a História política, explicar e compreender os pontos de (des)encontro entre, por um lado, os percursos e trajectórias individuais e das elites no seio dos quais tem lugar a tomada a decisão e, por outro lado, os contextos que tornaram possível a tomada de decisão e o exercício desse poder por parte de uma determinada minoria, de indivíduos e de grupos¹⁵.

A diversidade de factores presentes numa dada situação, as possibilidades que essa mesma situação oferece aos membros de uma sociedade e as intenções, os objectivos e o modo como os indivíduos e os grupos nelas se posicionam são elementos constitutivos de uma história política, cuja inteligibilidade implica atender ao cruzamento entre duas racionalidades, a objectiva e a subjectiva¹⁶. Compreender a tomada de decisão e quem teve capacidade e possibilidade de o fazer implica conhecer quem o permitiu (mulheres e homens) e como o permitiu – (in)conscientemente, (in)voluntariamente, activa ou passivamente, “partiendo de la base de que el transcurrir social (o histórico) es tarea de todos y de todas, aunque la tomada de decisiones esté restringida, de momento, a una minoría”¹⁷.

A passividade, como refere Antonia Fernández, não significa sempre submissão, tal como a ideia de permanência não corresponde necessariamente à imobilidade, antes pode ser entendida à luz da ideia de sustentabilidade e de continuidade dinâmicas¹⁸. E nestes processos que lugar e que papel desempenham as mulheres?

Simultaneamente, o conceito de sujeito histórico representado nos produtos educativos, em especial nos manuais escolares, surge concretizado nos protagonismos masculinos, individuais e colectivos e alicerça-se, por sua vez, numa concepção de homem entendido como sujeito universal. É a partir dos dados relativos aos colectivos masculinos (as experiências e os pontos de vista dos homens) que se estruturam e se tornam operatórios os conceitos de mudança e de progresso, bem como o de evolução, não sendo tomada em linha de conta a realidade das mulheres e o modo como essa realidade traduz, ou não, o mesmo sentido de mudança e de progresso e o modo como elas foram *sujeitos* de uma mesma evolução histórica.

A diversidade deste sujeito enquanto colectivo circunscreve-se, geralmente, ao destaque dado às diferenças que marcam a existência dos homens ao longo do tempo, silenciando-se as diferenças entre homens e mulheres e, principalmente, as diferenças observadas entre as mulheres.

A recuperação do protagonismo histórico das mulheres (através da inclusão explícita, regular e diversificada de referências ao sexo feminino) traduz-se na apresentação de valores e de modelos de vida

¹⁴ PROST, Antoine, “Les acteurs dans l’histoire”, in RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coord.), *L’histoire aujourd’hui*, Auxerre, Sciences Humaines Éditions, 1999, pp. 415-416.

¹⁵ Cf. VOVELLE, Michel, “Histoire et représentations”, in RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coord.), *L’histoire aujourd’hui*, Auxerre, Sciences Humaines Éditions, 1999, pp. 45-50.

¹⁶ Cf. PROST, Antoine, “Les acteurs dans...” *op. cit.*

¹⁷ FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia, “Enseñar Historia: algunas reflexiones”, *Revista Aula*, n.º 26, 1994, p. 68.

¹⁸ FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia (coord.), *Las mujeres en la enseñanza de las ciencias sociales*, Madrid, Editorial Síntesis, 2001.

alternativos aos dominantes, tanto para rapazes como para raparigas, ao mesmo tempo que possibilita que estas se identifiquem e se apropriem de um conceito de sujeito histórico representativo de homens e de mulheres, adquirindo o sentido de pertença a esse mesmo sujeito social, passado e presente, sem contradições nem incoerências com o seu grupo de pertença sexual.

1.4. Os Estudos de Género sobre Manuais Escolares e Software Educativo de História

Os resultados de um estudo recente sobre imagens de três manuais escolares de História do 12.º ano permitem evidenciar algumas das conclusões sobre a iconografia utilizada para o período da segunda metade do século XIX ao fim do século XX¹⁹.

Os homens estão presentes na quase totalidade das imagens (em cerca de 90%) dos manuais escolares analisados, enquanto que as mulheres são visíveis em menos de metade dessas mesmas imagens (41%). Concomitantemente, as imagens que só apresentam figuras de homens (masculinas) correspondem a cerca de dois terços do total, contrastando com a irrelevância do peso das imagens em que só figuram mulheres (femininas) (12%). Isto significa que as mulheres logram estar presentes através das imagens mistas, ou seja, quando surgem com o sexo masculino, enquanto que os homens são visíveis sobretudo em imagens onde está ausente o sexo feminino. A existência dos homens é independente da das mulheres, mas a existência destas não existe de modo independente da dos homens. Autonomia e dependência estão implicitamente associadas, respectivamente, ao sexo masculino e ao feminino.

Nos conteúdos de História de Portugal, o sujeito social concretiza-se, predominantemente, em colectivos masculinos (37%) e, frequentemente, por colectivos mistos (31%), que integram os dois sexos, mas quase nunca por colectivos femininos (2%). A representação da dimensão social das mulheres (ou seja, a sua representação iconográfica em grupo) é excepcional, o que significa que, em termos visuais, elas não existem enquanto colectivo.

As raras imagens colectivas de mulheres surgem integradas nos temas da arte, dos movimentos feministas e da alteração dos costumes das primeiras décadas do século XX, com destaque para a moda e o lazer.

As imagens colectivas, que integram figuras de mulheres e de homens, são as que evidenciam a dimensão social de sujeito histórico, apresentando-o como representativo de homens e de mulheres. É através destas imagens que as mulheres não só estão presentes nos manuais escolares como adquirem dimensão social. Quais as esferas sociais a que se reportam estas imagens? A contextos familiares, onde estão presentes dois elementos – a criança e/ou o par masculino – numa inequívoca associação das mulheres à relação preferencial com a criança e com o espaço doméstico e às funções de mãe e de cuidadora; a espaços e a actividades ligadas à diversão e ao espectáculo, com destaque para cartazes de filmes com as duas figuras que constituem o par principal (encontrando-se subjacente, quase sempre, a ideia da relação amorosa); a situações de dificuldades económicas e de pobreza, com ligação ao fenómeno da emigração familiar (onde estão patentes as ideias de vulnerabilidade e de sofrimento); à alteração dos espaços e dos hábitos de sociabilidade.

Em conclusão, as mulheres, quando presentes nestes materiais, surgem preferencialmente como quem desfruta do progresso, em situação de ócio e de lazer, e frequentemente associadas à ideia de inactividade, de dependência, da afectividade conjugal e maternal.

¹⁹ NUNES, Maria Teresa Alvarez, (2007), *Género e Cidadania nas Imagens de História*, Lisboa, CIG.

As imagens de colectivos exclusivamente masculinos, que detêm um peso significativo no total das imagens destes materiais, reportam-se: às esferas políticas e militares, numa intrínseca associação entre ambas, e organizam-se em torno de líderes militares, chefes de partidos políticos ou de governo, em situações onde é explícita a tomada de decisão; à oposição e à luta contra sistemas políticos, com grande destaque para as figuras de revolucionários e impulsionadores de movimentos de contestação social, cuja acção, ligada a fenómenos de insurreição ou de revolução, está mais claramente associada a mudanças políticas e sociais. Os colectivos masculinos surgem ainda associados ao progresso técnico (com destaque para os fenómenos da descoberta/ inovação e da eficácia), à actividade económica, ligada, por sua vez, ao trabalho, à produção e à acumulação de riqueza e detenção do poder financeiro; e, por último, à criação literária e artística e à evolução científica.

Globalmente, as figuras masculinas são representadas numa relação directa e inequívoca com a acção concreta, individual ou colectiva, e com a ideia de liderança.

Predominando nos temas políticos e económicos, os homens são representados como sujeitos históricos. Em contrapartida, predominando no tema da arte, as mulheres estão presentes como objecto e produto dessa mesma arte, isto é, “como modelo que se pinta ou se desenha e como ser que se consome pelo olhar”²⁰. A esta distinção deverá acrescentar-se uma outra: enquanto as imagens de mulheres são acompanhadas, preferencialmente, pelo anonimato, as imagens de homens são em grande parte acompanhadas pela sua identificação nominal, ou seja, são geralmente representativas de personalidades históricas concretas, nos seus atributos pessoais, nas suas acções e no impacto da sua actuação.

O modo como cada um dos sexos é apresentado nos espaços públicos é um exemplo das diferenças que referimos atrás. Os homens visualizam-se repetidamente em situações de comunicação de massas e no âmbito da intervenção política (através da televisão e dos jornais, em grandes reuniões internacionais, comícios ou manifestações). As mulheres estão maioritariamente ligadas ao espectáculo, em especial ao cinema, enquanto actrizes e modelos de beleza e/ou de sedução. Esta diferença no tipo de documentos iconográficos revela bem os traços tradicionalmente identificados com a feminilidade e a masculinidade e, portanto, certas concepções do que se entende por *ser homem* e *ser mulher*.

Um último aspecto prende-se com o tipo de enquadramento visual, constatando-se a frequência dos planos médios utilizados para o sexo masculino, de que é exemplo o retrato, onde a figura humana é a chave de leitura da imagem, e o predomínio dos enquadramentos gerais ou muito gerais no modo de representação feminina.

2. Analisar produtos educativos de História na perspectiva de género

2.1. Considerações gerais

Um produto que promove a igualdade entre mulheres e homens, entre raparigas e rapazes, cumpre três objectivos:

- equilibrar a representação dos dois sexos;
- diversificar a representação de ambos os sexos;
- contrariar a representação tradicionalmente associada a cada um dos sexos.

²⁰ Cf. NUNES, Maria Teresa Alvarez, *Género e Cidadania...* op. cit.

O resultado será a explicitação da existência feminina e da existência masculina, nos discursos linguísticos e iconográficos, tornando-as igualmente visíveis.

Nos materiais de História, a aplicação destes princípios implicam atender à diversidade do sujeito social quanto:

- às esferas de intervenção;
 - às formas de participação;
 - ao valor social dos contributos;
 - ao tipo de protagonismo.
- } De mulheres e de homens

No caso dos produtos educativos de História e de forma mais evidente nos que se reportam a períodos mais próximos da actualidade é igualmente importante o modo como se potenciam as imagens disponíveis. Analisar a iconografia numa perspectiva de género permite descortinar a concepção de sujeito histórico subjacente ao(s) protagonismo(s) histórico(s) que se nos apresentam.

Tomar o sujeito histórico na sua dimensão sexuada, representativo de mulheres e de homens, não se traduz, todavia, apenas em alterações de cariz quantitativo que evidenciem equilíbrio entre as referências a mulheres e as referências a homens, mas pressupõe alterações profundas no modo como se tornam presentes homens e mulheres. O problema da presença e da ausência é independente da estereotipia que sustenta, ou não, as referências a mulheres e a homens. Por outras palavras, o equilíbrio na representação dos dois sexos nos produtos educativos pressupõe que as referências ao sexo feminino sejam historicamente tão significativas como as se reportam ao sexo masculino, o que significa, também, reequacionar o valor atribuído aos diversos factores que estruturam a vida em sociedade e a selecção e tratamento privilegiado conferido a certos domínios de intervenção histórica (o político e o militar) e, nestes, a determinadas dimensões (de cariz individualizante). Importa conferir idêntico valor a outras esferas (e a outras dimensões) da actividade humana, mais ligadas à acção oculta e/ou silenciada das mulheres, mas também dos homens.

Neste sentido, é importante, por exemplo, olhar para as mulheres enquanto elementos de minorias governantes e enquanto elementos das maiorias governadas. Trata-se de, em relação às primeiras, saber quando e quem foram as mulheres que estiveram em lugares de tomada de decisão e compreender como o fizeram (reproduzindo e reforçando modelos dominantes de exercício do poder ou apresentando alternativas e adoptando práticas e estratégias diferenciadas de exercício de poder), e, em relação às segundas, conhecer e compreender qual o papel das mulheres no apoio, na participação e na aceitação, bem como na resistência, na oposição e na rejeição da tomada de decisão das minorias governantes.

A ausência das mulheres ou a sua posição secundária e/ou marginal deve ser questionada e explicada, como sublinha Antonia Fernández, nas obras de arte e em especial no caso da pintura. Os documentos históricos utilizados pelos materiais educativos de História são, com muita frequência (e em especial na época contemporânea), a reprodução de obras de arte, elas próprias produtos históricos, localizadas no tempo e no espaço e condicionadas pelas circunstâncias que rodearam e explicaram a sua criação e a sua exposição pública – o poder que as financiou, os objectivos de quem as encomendou e de quem as produziu, a perícia técnica e a capacidade crítica de quem as criou e as concepções socialmente dominantes da época que qualquer obra de arte reflecte. Procurar compreender a ausência leva-nos, como refere a mesma autora, a descortinar os limites impostos às mulheres quanto à sua participação e ao seu acesso às esferas consideradas como próprias do sexo masculino ou representadas como tal. Explicar a invisibilidade do sexo feminino e a sua secundarização iconográfica conduz à desocultação das formas e dos mecanismos de discriminação que ao longo do tempo recaíram sobre as mulheres e permite evidenciar os meios de construção, de reforço e de manutenção das relações de dependência e de

poder e a hierarquia como eixo estruturante das relações entre homens e mulheres. No passado e no presente²¹.

2.2. A Representação de Sujeito Histórico: dimensões a ter em conta

Para a integração da dimensão de género na representação iconográfica de sujeito histórico veiculada pelos produtos multimédia e pelos manuais escolares em suporte livro, poderá atender-se às seguintes dimensões:

A. Dimensão pessoal – quem são, como se apresentam e o que fazem os indivíduos, mulheres e homens, tendo em conta:

- a) O enquadramento visual das figuras femininas e masculinas (reprodução integral ou de um excerto), incluindo o tipo de planos que melhor revelam os traços físicos e psicológicos individuais e a acção de figuras concretas.
- b) A função das legendas na condução do olhar e no condicionamento da interpretação do conteúdo da imagem, de modo a não silenciar, pela palavra, o que a imagem nos diz sobre as mulheres.
- c) A localização na superfície visual do ecrã, no caso do produto multimédia, e da dupla página, no caso do manual escolar, bem como a sua dimensão, de forma a não secundarizar o feminino face ao masculino.
- d) O recurso equilibrado ao anonimato e à nomeação, individual e colectiva, das figuras femininas e masculinas.
- e) A exploração dos objectos e de outros elementos que rodeiam as figuras masculinas e femininas e que surgem como símbolos da sua identidade e actuação.
- f) A identificação de ambos os sexos com as situações de domínio/dependência; intervenção (apoio, oposição)/passividade; criação/aplicação; mudança/manutenção; produção/consumo; norma/transgressão; riqueza/pobreza; liderança/seguidismo.

B. Dimensão relacional – quem surge com quem e quem interage com quem. Perceber como estão representados os homens e as mulheres, enquanto parte de um mesmo colectivo, implica atender:

- a) Ao predomínio das imagens mistas e ao equilíbrio das imagens colectivas de homens e das imagens colectivas de mulheres.
- b) À associação de homens e de mulheres, tanto ao anonimato, como à nomeação.
- c) À localização das figuras femininas e masculinas em cada imagem – como elementos centrais e como elementos secundários, do ponto de vista visual.
- d) À identificação de homens e de mulheres como figuras centrais e como figuras secundárias nas cenas representadas pelas imagens.
- e) À valorização, para ambos os sexos, dos fenómenos de mobilidade e de fixação, quer aos espaços físicos, quer aos lugares de pertença social.
E também aqui, à identificação de ambos os sexos com as situações de domínio e de dependência; intervenção (apoio, oposição) e de passividade; de criação e de aplicação; de mudança

²¹ Cf. FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia (coord.), *Las mujeres...* op. cit.

e de manutenção; de produção e de consumo; de norma e de transgressão; de riqueza e de pobreza; de diversas formas de liderança.

- C.** Dimensão circunstancial ou contextual – onde e quando surgem representados os homens e as mulheres:
- a) Espaços fechados e abertos;
 - b) Contextos públicos e privados;
 - c) Esferas sociais.

2.3. Algumas propostas

Diversificar a presença das mulheres passa por lhes ser conferida uma visibilidade e diversidade quanto a²²:

- 1 Modelos positivos e modelos negativos alternativos aos tradicionalmente apresentados.
- 2 Níveis a que se situa a sua actuação (juntamente com os homens, mas também sem estes), nomeadamente nos espaços públicos.
- 3 Actividades a que se dedicaram: trabalho, produção nos diferentes sectores da economia (agricultura, indústria, comercialização e circulação), no mundo rural e no mundo urbano.
- 4 Aprendizagens, educação e saberes femininos, evidenciados como o são os masculinos.
- 5 Relações amorosas, fora e dentro dos quadros institucionais, como o matrimónio, vividas pelas mulheres de forma livre, imposta, marginal ou legítima.
- 6 Exercício do poder político, mas também do poder económico e familiar.
- 7 A vivência pelas mulheres da violência legitimada, exercida ao longo do tempo, nos mais diversos contextos históricos, e o modo como este fenómeno é assumido como historicamente “normal”.
- 8 Produção de saber pelas mulheres nas mais diversas áreas (literatura, arte, mecenato, ciência).
- 9 Relação do saber das mulheres com a ameaça do saber instituído, com a marginalidade e com a exclusão.

Para uma análise mais detalhada dos produtos multimédia e dos manuais escolares, poderá, ainda, atender-se à associação do feminino e do masculino aos elementos gráficos presentes:

- 1 Nas capas dos manuais escolares e nas embalagens dos produtos multimédia.
- 2 Nos ecrãs iniciais do *software* e nas duplas páginas de abertura de temas/capítulos/unidades dos manuais escolares.
- 3 Na informação iconográfica visível na consulta de cada módulo de um produto multimédia e ao longo do desenvolvimento de cada unidade de um manual quanto a:
 - Documentos iconográficos;
 - Símbolos/ícones (hipertexto; funcionalidades);

²² Cf. FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia (coord.), *Las mujeres...* op. cit.

- Símbolos identificativos de cada bloco do manual (cabçalhos, ícones identificativos das funções pedagógicas dos elementos que compõem o manual) e de cada módulo do produto multimédia (barras de navegação);
 - Imagens de fundo (tipo marca de água) identificativas dos módulos do *software*.
- 4 Jogos no multimédia e actividades no manual escolar.
 - 5 Iconografia patente nas barras cronológicas no multimédia e nas cronologias no manual escolar.
 - 6 Animação sonora e visual no multimédia.

Uma proposta para a integração da dimensão de género nos produtos multimédia de História consiste na exploração das potencialidades do multimédia e na interpelação de docentes e discentes para a exploração da imagem quanto à estereotipia de género presente de modo explícito e, na maioria dos casos, de modo implícito e, portanto, oculto. Sugere-se enquadrar as imagens usualmente utilizadas e que excluem as mulheres e/ou as apresentam de forma estereotipada por propostas de exploração do seu conteúdo – organizar o desenvolvimento de conteúdos em torno da exploração das imagens, tornando-as ponto de partida e de retorno, de percursos de navegabilidade, com base nos elementos figurativos da própria imagem: os corpos, os objectos, o vestuário, o espaço físico, os elementos arquitectónicos, os transportes e também as acções, as reacções e os comportamentos de personagens centrais, secundárias e marginais. O objectivo é o de desconstruir o discurso iconográfico – questionar, explicar e problematizar a ausência do sexo feminino e/ou dos traços que lhe estão associados, de forma explícita e implícita – procurar fazer “falar” um documento iconográfico, através das funcionalidades do multimédia, recorrendo a outros documentos e integrando os resultados da investigação no âmbito da História do Género e da História das Mulheres.

Tendo em conta a actual sub-representação feminina nos produtos educativos e a recorrência da sua caracterização estereotipada do ponto de vista de género, a fim de facilitar a operacionalização do item *Representação equilibrada do sexo feminino e masculino* e a classificação decorrente da avaliação de cada produto, propõem-se os seguintes critérios para atribuição dos níveis 1, 2, 3 e 4 previstos na grelha de avaliação.

Nível 1:

- a) Total desequilíbrio entre os dois sexos quanto à presença/ausência, patente na exclusividade de imagens masculinas (individuais e/ou colectivas).
- b) Desigualdade representativa, observável pela sua constante estereotipia.

○ produto exclui um dos sexos e promove a discriminação.

Nível 2:

- a) Desequilíbrio relativo entre os dois sexos quanto à presença/ausência, patente no significativo predomínio de imagens masculinas (individuais e/ou colectivas) face ao carácter pontual e excepcional das imagens femininas (individuais e/ou colectivas), e/ou das imagens mistas, e à sua irrelevância visual. Exemplos:
 - significativa desproporção numérica entre imagens masculinas e imagens femininas e/ou mistas;
 - destaque visual conferido às imagens masculinas face às restantes (dimensão; clareza; localização na superfície visual – centro óptico ou margem; no circuito do olhar ou fora dele).
- b) Desigualdade representativa, observável na regularidade da estereotipia associada aos dois sexos.

○ produto promove a desigualdade e potencia a discriminação.

Nível 3:

- a) Equilíbrio relativo entre os dois sexos quanto à presença/ausência, resultante do predomínio relativo das imagens masculinas (individuais e/ou colectivas) face:
 - à irregularidade das imagens femininas, individuais e/ou colectivas;
 - regularidade das imagens mistas.
- b) Igualdade representativa ocasional, observável no carácter esporádico de figuras femininas (e masculinas) não estereotipadas.

○ produto promove a visibilidade de ambos os sexos, mas veicula a estereotipia de género.

Nível 4:

- a) Representação equilibrada entre os dois sexos quanto à presença/ausência, observável:
 - no predomínio de imagens mistas;
 - na frequência idêntica de imagens masculinas e femininas, individuais e colectivas.
- b) Igualdade representativa patente:
 - na diversidade de representações associadas ao feminino e ao masculino;
 - na presença de figuras femininas e masculinas que contrariam os modelos tradicionalmente associados a cada um dos sexos.

○ produto promove a visibilidade e a igualdade entre os sexos.

○ aumento do número de referências às mulheres que tem pautado os manuais escolares de História dos últimos anos revela um esforço para alterar a assimetria representativa de homens e de mulheres que continua a ser dominante nestes materiais. Revelando-se ainda manifestamente insuficiente, este processo tem sido lento e sujeito a hesitações e oscilações. Todavia, é necessário que os produtos multimédia se situem numa mesma linha de mudança, valorizando os conteúdos e não os subordinando à necessidade de tornar o produto educativo multimédia apelativo aos sentidos e de provocar a adesão imediata por parte do público a que se destina.

Referências Bibliográficas

- AMÂNCIO, Lúcia, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Lisboa, Ed. Afrontamento, 1994.
- BARTHES, Roland, "Rhétorique de l'image" in *Communications et langages*, n.º 4, 1964, pp. 40-51.
- ECO, Umberto, "Sémiologie des messages visuels", *Communications*, n.º 15, pp. 11-46.
- FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia (coord.), *Las mujeres en la enseñanza de las ciencias sociales*, Madrid, Editorial Síntesis, 2001.
- FERNÁNDEZ VALENCIA, Antonia, "Enseñar Historia: algunas reflexiones", *Revista Aula*, n.º 26, 1994, p. 68.
- GOMBRICH, Ernest, *Arte e Ilusão*, S. Paulo, Ed. Martins, 1995; Cf. BARDIN, Laurence, "Le texte et l'image", *Communications et langages*, n.º 26, 1975, pp. 98-112.
- HENRIQUES, Fernanda, PINTO, Teresa, "Em busca de uma pedagogia da igualdade: o peso da variável sexo na representação de bom aluno" in ALARIOA TRIGUEROS, Teresa et al., (coord.) *Hacia una pedagogia de la igualdad*, Salamanca, Amarú Ediciones, 1998.
- NUNES, Maria Teresa Alvarez, (2007), *Género e Cidadania nas Imagens de História*, Lisboa, CIG.
- PROST, Antoine, "Les acteurs dans l'histoire", in RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coord.), *L'histoire aujourd'hui*, Auxerre, Sciences Humaines Éditions, 1999, pp. 415-416.
- SCOTT, Joan Wallach, "Género: uma categoria útil de análise histórica", *Educação e Realidade*, vol. 15, n.º 2, 1990, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, pp. 5-22.
- VAQUINHAS, Irene, "Breves palavras a propósito da invisibilidade das mulheres nos Programas de História dos ensinos básico e secundário", in "Senhoras e Mulheres" na Sociedade Portuguesa do Século XIX, Lisboa, Colibri, 2000, pp. 185-196.
- VOVELLE, Michel, "Histoire et représentations", in RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coord.), *L'histoire aujourd'hui*, Auxerre, Sciences Humaines Éditions, 1999, pp. 45-50.

